



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Escola Municipal Jornalista Jaime Câmara e alusiva à visita às unidades habitacionais do PAC - Pró-Moradia no Jardim do Cerrado e Jardim Mundo Novo**

**Goiânia-GO, 12 de fevereiro de 2010**

Bem, primeiro, eu acho que como a pessoa de mais idade aqui, neste palanque, eu tenho que pedir desculpas a vocês pelo fato de nós termos chegado aqui depois das 4 horas e vocês chegaram aqui à 1 hora da tarde. E eu sei que não é fácil, vocês vieram de ônibus. Na próxima vez, eu garanto que a gente vai cumprir o horário e chegar mais cedo.

A segunda coisa é que eu queria não repetir aqui os nomes de todos que já foram citados, mas eu queria, cumprimentando o companheiro Iris Rezende, prefeito da cidade de Goiânia, e cumprimentando o governador Alcides, estar cumprimentando todas as autoridades presentes aqui, neste palanque. E cumprimentando a companheira Dilma, eu estarei cumprimentando todos os ministros que me acompanham aqui e queria devolver o meu discurso, que eu vou conversar um pouco com vocês sobre a nossa situação.

Olhem, primeiro, companheiro Iris, eu queria lhe dizer uma coisa: 2,4 mil casas é praticamente um conjunto de casas maior do que muitas cidades brasileiras que foram criadas depois da Constituição de [19]88. Isso nos obriga a ter um carinho especial com as pessoas que já receberam a chave da casa e com as pessoas que vão receber as suas chaves, porque 2,4 mil casas, se a gente não cuidar de ter uma estrutura de acompanhamento do desenvolvimento dessas casas, se a gente não começar a acompanhar quais são as perspectivas dos adolescentes que vão morar nessas casas, se a gente não cuidar para que isso se transforme em um centro de atração de lazer, de



cultura e de oportunidade, a gente pode transformar um conjunto extraordinário como esse em uma coisa de desesperança se a oportunidade de emprego, de estudar, de lazer, de cultura não vier junto com as casas que nós estamos entregando a esse povo brasileiro.

Eu, Iris, quero até fazer um compromisso. Eu quero fazer um compromisso: é que mais ou menos vocês receberam a casa, alguns há mais ou menos uns 30 dias, tem gente recebendo a casa. Eu quero assumir o compromisso aqui, na frente do Governador, na frente do Prefeito, para que a gente, daqui a uns seis meses, a gente volte a esse conjunto habitacional apenas para que a gente possa ouvir do povo quais são as coisas que faltam a gente fazer para poder isso aqui se transformar em uma coisa realmente extraordinária para o povo viver. Eu quero te dar os parabéns, ô Iris, porque eu já vi uma escola extraordinária aqui. Inclusive com o nome de um dos grandes comunicadores do estado de Goiás, o Jaime Câmara, que merece essa homenagem feita por você, dando à escola o nome dele.

A segunda coisa é que também vai ter área de lazer. Porque aqui nós precisamos ter campo de futebol para essa meninada. Aqui, nós precisamos ter várias outras opções. Tem gente que gosta de jogar basquete, gosta de jogar... Não é só... Se a gente quiser ganhar muita medalha nas Olimpíadas, a gente vai ter que escolher um lugar aqui e fazer uma piscina ou mais, para essa molecada poder se divertir.

E aí, eu quero te dizer que eu não estou te cobrando, não. É que o Governo Federal tem que, junto com você, e junto com o governo do estado, cada um dando um pouquinho, vai ser pouco para cada um, e vai ser muito para atender a essa meninada. Que se a gente não ocupar o tempo dessa meninada, essa meninada vai ter o tempo ocupado em uma coisa que não vai agradar a nenhum de nós.

Portanto, é preciso ocupar, tentar inclusive, Iris – e estou disposto aqui a falar de público para o povo – ajudar você a construir mais escolas, para que



essa meninada tenha escola em tempo integral aqui nesse conjunto habitacional. Porque isso pode, inclusive, começar a ser uma exigência do programa Minha Casa, Minha Vida, para que a gente dê aos pais a garantia de que o filho vai estar estudando, e não vai estar na rua aprendendo coisa que não presta, como habitualmente as crianças aprendem.

A segunda coisa que nós temos que fazer aqui, companheiro Iris e companheiro Alcides, é tentar ver quantos jovens estão na idade de adolescência e que a gente precisa ter escola de formação profissional, para que esses jovens, essas meninas e esses meninos, possam aprender um curso.

E eu estava vindo de carro para cá – daqui até Goiânia é um bocado longe – daqui até Goiânia, não, aqui é Goiânia. Daqui até o centro de Goiânia é uma coisa longe. Já que a cidade só tem que crescer para cá mesmo, nós vamos ter que trazer, junto com essa cidade nova... Porque o que você fez aqui, ô Iris, é uma cidade nova. Duas mil e quatrocentas casas é uma cidade nova. Eu já tinha sobrevoado outro dia, não sei se foi aqui mesmo, com quantidade de casas. Então, nós precisamos começar a trazer, junto com essas casas, estudo, educação, esporte, lazer e cultura, para a gente poder completar o ciclo de um novo modelo habitacional para este país. Porque, se a gente abandonar isso aqui, daqui a dez anos, isso aqui está quase virando uma favela. Então a gente não pode deixar abandonar.

Dilma, eu não sei se você reparou, não sei se você reparou. É preciso, se for o caso, a gente criar uma linha de financiamento para que a gente possa emprestar dinheiro a juros zero para esse povo construir um murinho em torno da sua casa. Porque é o muro que vai garantir a intimidade de cada família, é o muro que vai garantir a soberania de cada família. Porque se não tiver o muro, aí uma vizinha tem um cachorrinho, aí o cachorrinho sai da casa da vizinha, vai sujar a casa da outra vizinha, aí a outra vizinha já vai bater boca, aí não dá certo, não dá certo.



Então, eu estou te dizendo, Iris, que nós, no governo federal, através do programa Minha Casa, Minha Vida, através da Caixa Econômica Federal, estamos dispostos a partilhar com você e com o Governador o jeito de a gente completar para que isso aqui vire um centro habitacional chique, porque, ora, deixa eu contar uma coisa para vocês: eu estava comentando com o Iris Rezende. Aqui, os mais velhos se lembram que eu fiz a primeira greve dos metalúrgicos do ABC em 1978. Vocês sabem... Eu morava em uma casa, Iris, de 33 metros quadrados. A minha casa era de 33 metros quadrados e o terreno da minha casa tinha oito por 20. Eu estou sabendo que o terreno aqui tem dez por vinte e alguma coisa, portanto dá para cada um, depois, com o tempo, ir construindo mais um quarto, mais uma sala, que é assim que a gente faz, porque pobre, pobre muda para a casa apenas no tijolo, não precisa nem ter reboque. Pobre tendo um quarto e um banheiro está bom. Depois a gente vai colocando azulejo, vai colocando pastilha, porque tem uma mania de as pessoas entenderem que pobre não gosta de azulejo, não gosta de cerâmica. Pobre gosta. Pobre adora coisa boa. Só não tem coisa boa porque não pode.

Então, é importante que a gente tenha em conta que cada pessoa, se aqui tiver escola, se aqui tiver centro de lazer, se aqui tiver prática esportiva, a gente vai estar criando aqui uma nova cidade. Uma nova cidade precisa de possibilidades de emprego, precisa de cursos técnicos para os adolescentes, de curso profissional. E é isso que eu estou assumindo compromisso com o Governador e com o Prefeito para a gente fazer.

Dito isso, companheiros, dito isso... asfalto, meu amor. Asfalto, meio-fio, nós chamamos de guia, sarjeta, tudo direitinho. Eu não quero que você saia para trabalhar sujando o seu pé de barro. Eu não quero, porque eu morei em um lugar chamado Parque Bristol, em São Paulo, em que eu saía para trabalhar, colocava uma galocha no pé, chegava na padaria, tirava a galocha, embrulhava em um jornal, pegava o ônibus, chegava na fábrica, lavava a galocha, deixava ela secar, à tarde voltava dentro do ônibus, metia a galocha,



chegava na minha casa dava para fazer outra casa com a quantidade de barro que tinha na galocha.

Lógico que nós vamos ter que asfaltar a rua em que vocês moram, porque o objetivo nosso é entregar a casa com asfalto também. Sabe, esse negócio de pisar em barro quem gosta não é pobre. É preciso parar com essa mania de achar que pobre gosta de coisa de segunda classe. Nós gostamos de coisa de primeira classe, primeira, tudo de melhor.

Então, companheiros, eu estou muito feliz de estar aqui com o nosso Prefeito, eu já tinha sobrevoado aqui e quero dizer para vocês que o Programa Minha Casa, Minha Vida é o maior programa de casas já feito neste País. E, desde que foi construído o BNH – depois acabou o BNH – esse Programa Minha Casa, Minha Vida é o único desafio de tentar fazer um milhão de casas. E eu queria fazer em dois anos, acontece que as empresas brasileiras não estavam preparadas para um projeto dessa magnitude, nem os prefeitos estavam preparados, no Brasil inteiro, com projetos prontos. Mas, daqui para frente a gente vai ter que fazer o Minha Casa, Minha Vida número 2, o Minha Casa, Minha Vida número 3, aí os empresários já estão preparados, a Caixa Econômica já vai estar preparada e eu acho que nós vamos poder fazer muito mais rápido as casas que o povo precisa, para a gente acabar com o déficit habitacional existente no nosso País.

E nós, temos que cuidar para não repetir os erros da década de 70 e da década de 80, quando o BNH construía casa e depois as pessoas não iam morar na casa porque não podiam pagar, as pessoas invadiam a casa e aquilo ficava abandonado. Não, nós temos que fazer a casa, entregar a casa e cuidar de transformar aquela casa na grande realização do sonho do povo pobre deste País.

Por isso Íris, parabéns a você pelo conjunto habitacional, parabéns ao Governador e parabéns ao povo de Goiânia que merece isso e muito mais do que isso, e eu tenho certeza de que nós vamos fazer.



Um abraço e até a próxima visita se Deus quiser, até daqui a seis meses. Nós voltaremos aqui para ouvir de vocês como é que está funcionando o conjunto habitacional.

Até outro dia, gente, fiquem com Deus e bom Carnaval para vocês.

Companheiros, companheiros, eu queria dizer para vocês antes de ir embora, que eu cheguei aqui e encontrei o Túlio. E todo mundo sabe da figura especial que é o Túlio, como jogador de futebol, como vereador, como político, o coração que ele tem. Ele estava contando papo que já marcou 900 gols. Eu queria dizer para vocês - ele deve estar aí no meio – que eu, sem contar os gols que eu marquei depois que eu fiz 40 anos, eu já devo ter chegado a uns 1.300 gols na minha vida, devo ter ultrapassado. Então, ô Túlio, você vai ter que jogar muito para poder atingir a marca do Lula, jogador de futebol.

Um abraço, gente.

(\$211A)